

cadernos

IHU

ideias

Técnicas de si nos textos de Michel Foucault

João Roberto Barros II



ano 10 • nº 173 • 2012 • ISSN 1679-0316

Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

cadernos **IHU** ideias

**Técnicas de si nos textos de
Michel Foucault
A influência do poder pastoral**

João Roberto Barros II

ano 10 • nº 173 • 2012 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 10 – Nº 173 – 2012

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Dr. Marcelo Leandro dos Santos – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci (t) – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

TÉCNICAS DE SI NOS TEXTOS DE MICHEL FOUCAULT A INFLUÊNCIA DO PODER PASTORAL

João Roberto Barros II

Introdução

O cuidado de si foi composto por um grupo de técnicas para o cultivo moral e político do indivíduo. Assim, o praticante do cuidado de si tinha como principal objetivo transformar-se a si mesmo, conformando uma subjetividade autônoma.¹ Dentre as diferentes técnicas de si problematizadas por Foucault, citamos algumas: direção de consciência, exame de consciência, concentração, retiro, exercícios de resistência, etc. Estas técnicas correspondem à categoria de *cuidado de si*, amplamente trabalhada por Foucault desde o seminário *Os anormais*, passando pela trilogia *História da sexualidade*, até o seminário *A coragem da verdade*, compreendendo aí um espectro de 1976 a 1984.

O objetivo para este texto é discorrer sobre duas técnicas de si utilizadas no âmbito do cuidado de si (*epimeleia heautou*), tal como proposto por Foucault. Mais especificamente, a proposta é situar o debate sobre o cuidado de si dentro do marco maior da governamentalidade. Nesse marco, as técnicas que compõem o cuidado de si foram gradativamente sendo deslocadas para um cuidado pelos outros (*epimeleia ton allon*). Esse deslocamento transformou ditas técnicas em tecnologias do eu, o que nos permite perceber a relevância do estudo do cuidado de si e seu lugar nas pesquisas sobre a governamentalidade nos textos de Foucault.

É bem verdade que Foucault, de certa maneira, já faz este trajeto quando considerou que houve um deslocamento de algumas práticas do cuidado de si no início do cristianismo primitivo, práticas que já eram usadas na Grécia clássica e no período helenístico. Segundo ele, esse cuidado de si que inicialmente visava a emancipação do indivíduo, posteriormente

1 Para um estudo acurado sobre o cuidado de si em alguns autores, indicamos a obra de Alexander Nehamas, *The art of living*. Berkeley: University of California Press, 1998.

foi deslocado e ressignificado em um conjunto de práticas que visavam a sujeição do indivíduo a padrões de conduta externos, alheios a sua vontade. O que inicialmente eram técnicas que transformavam o indivíduo em um cidadão capaz de ascender à verdade e de viver uma vida bela e digna de ser vivida foi, ao final, utilizado como modo de subjetivação com vistas a uma subjetividade sujeitada.

Será priorizado o estudo de duas técnicas de si: 1) o exame de consciência e 2) a confissão. A escolha destas duas técnicas se deve ao papel significativo que elas assumem na obra de Foucault. Em muitos de seus estudos sobre a governamentalidade, o poder pastoral e o cuidado de si, Foucault trabalha minuciosamente estas duas técnicas como modos privilegiados para a constituição da subjetividade.

Técnicas de si e subjetivação

De acordo com Foucault, a liberdade fruto do cuidado de si não pode ser fundada e tampouco serve de fundamento para alguma teoria. Ela somente pode ser experimentada e ser expressa como um trabalho infinito, uma experiência ético-política na qual se pode ver o indivíduo como autor de sua própria verdade. Esta experiência é sempre única, já que as técnicas de si serão exercícios de crítica de si durante a formação da subjetividade construída autonomamente. Não submissa às malhas do poder subjetivante, os livres exercícios das técnicas de si estimulavam movimentos da alma nos quais o sujeito e a verdade não eram vinculados por fatores exteriores ao sujeito.

As técnicas de si, entendidas como práticas diversas de subjetivação e constituição de si, aparecem ao largo da história do Ocidente e são marcantes na constituição da subjetividade. Ao estarem presentes em diversos campos do conhecimento ao longo de séculos, mostram que elas não estão limitadas ao campo filosófico (FOUCAULT, 2001b; 2009). Por isso, mais do que um conceito, são formas de atividade.

Assim se expressa Foucault (2001b, p. 149; 2009, p. 157) ao declarar que

nos séc. I e II: que à margem das instituições, dos grupos, dos indivíduos que, em nome da Filosofia, reclamavam o magistério da prática de si, [...] essa prática de si se converteu em uma prática social. Começou a se desenvolver entre indivíduos que propriamente falando não eram gente do ofício. Houve toda uma tendência a exercer, difundir, desenvolver a prática de si à margem da instituição filosófica, à margem, inclusive, da profissão filosófica, e a fazer dela um modo determinado de relação entre os indivíduos.

As práticas de si, ou cuidado de si, eram compostas por técnicas de si que tinham como principal utilidade a transformação do sujeito em seu modo de ser. Essa transformação da existência passava por variados processos de relacionamento no meio social, utilizando um conjunto de técnicas que não propriamente pertenciam ao meio filosófico, mas que, somados a princípios filosóficos, construíam um conjunto de valores de vida pertencentes ao conjunto cultural de cada época.

Foucault trabalha com três noções de cuidado de si, cada uma delas correspondente a seu período histórico particular. Os significados que esta noção assume, sua relevância social, a vinculação que possui com certas práticas políticas e, por fim, os modos concretos de constituição prática das subjetividades correspondentes aos diversos contextos culturais são as principais temáticas abordadas por Foucault em suas obras. O interesse por este conjunto de temas vem ao encontro de uma comprovação de que uma história da subjetividade deve contemplar as diferentes maneiras como os sujeitos constituem a si mesmos em suas relações com os outros, já que cuidar de si não prescindia da relação intersubjetiva (JACARANDÁ, 2004).

O exame de consciência é situado por Foucault no contexto do cuidado de si grego e helenístico. Nesses contextos, essa técnica de si consistia no autoexame que o indivíduo fazia de seus pensamentos, sentimentos e emoções. Era um exercício de si que poderia ser feito em solidão ou acompanhado de um diretor de consciência. O exame de consciência foi uma prática bastante difundida nos períodos grego e helenístico e estava presente em diversas escolas filosóficas, dos pitagóricos aos cínicos.

É possível identificar algumas modalidades dessa técnica de si nos textos de Foucault. Contudo, de forma geral, o exame de consciência foi assemelhado ao cuidado médico, na medicina em que se considerava que os “males do corpo e da alma” se comunicavam entre si (FOUCAULT, 1984a, p. 79; 2010b, p. 66). Da mesma maneira que o médico cuidava das chagas físicas, o indivíduo que realizasse um acurado exame de consciência poderia curar ou mesmo prevenir males maiores que pudessem afetar suas emoções e pensamentos, ocasionando, por fim, um desvio moral. Com o exame de consciência o indivíduo objetivava controlar melhor os “movimentos involuntários da alma” e, assim, alcançar um melhor “equilíbrio” (FOUCAULT, 1984a, p. 76; 2010b, p. 63).

Seguindo os antigos, Foucault afirma que esses movimentos perturbadores da alma estavam relacionados a certa perturbação das paixões que impediam os indivíduos de progredirem no aperfeiçoamento moral (FOUCAULT, 1984a; 2010b).

Segundo ele, o exame de consciência praticado por Sêneca consistia em um tipo de prova de si mesmo. Com tal méto-

do, o praticante desta técnica tentava por à prova as primeiras impressões resultantes daquilo que ocorria ao seu redor. Era um exame que contrapunha as regras a serem observadas às ações realizadas. No curso *Hermenêutica do sujeito*, Foucault (2001b, p. 463; 2009, p. 461) apresenta as seguintes perguntas para exemplificar essa modalidade de exame:

Em que medida, até que ponto sou efetivamente alguém capaz de ser idêntico como sujeito de ação e sujeito de verdade? E ademais: até que ponto as verdades que conheço e que comprovo conhecer, porque as recordo como regra através do meu exame de consciência, são, com efeito, as formas de ação, as regras de ação, os princípios de ação de minha conduta ao longo de todo o dia e de toda a vida? Em que ponto me encontro nesta elaboração [...]? Onde estou na elaboração de mim mesmo como sujeito ético de verdade?

Diante dessa passagem é possível constatar que o exame de consciência estava direcionado tanto a uma cura da alma como a um progresso contínuo de formação da própria subjetividade. O indivíduo fazia uso da técnica de si, por um lado, para se curar e se ver livre das inquietações e perturbações em sua alma. Por outro lado, tinha também como meta uma trajetória contínua de autoaperfeiçoamento, à medida que se constituía como sujeito ético capaz de adequar sua conduta às normas de comportamento aceitas por ele.

No caso de Marco Aurélio, o exame de consciência estava mais direcionado à inspeção das tarefas concernentes ao dia. Ao amanhecer, ele passava em revista as atividades que deveriam ser realizadas durante o dia. Antes de dormir, novamente era empreendido um novo exame de si mesmo com o fim de inspecionar se havia cumprido com seus objetivos nas “coisas que tinha que fazer” (FOUCAULT, 2001b, p. 157; 2009, p. 166). Fazendo essa inspeção, a memória do indivíduo era tida como um livro de jornada correspondente ao tempo transcorrido durante o dia que havia passado. Este exame da jornada passada permitia ao indivíduo fazer um balanço das atividades desenvolvidas durante o dia, comparando a maneira como foram realizadas suas tarefas e o modo segundo o qual deveriam ser realizadas, quando consideradas ao início do dia.²

2 A prática do exame de consciência acarretava, não poucas vezes, em outra técnica de si que foi a direção de consciência. À medida que o indivíduo tinha a necessidade de passar em revista sua conduta, seus pensamentos e sentimentos, começava a aparecer a figura do diretor de consciência. Ele era o responsável por escutar aquele que examinava sua consciência e verbalizava os resultados de tal exame para lhe dar um conselho ou compartilhar uma experiência. Para um estudo sobre essa técnica de si, remetemos a nosso texto “Direção de consciência em Foucault: conexão entre Ética e Filosofia Política”, in: **Numen**, v. 2, n. 1, p. 215-236 jan-jun 2011. Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/view/1216>. Acesso em 21 jun. 2012.

Voltando à *História da sexualidade III*, com relação ao exame de consciência praticado pelos pitagóricos, a posição que o sujeito assumia na relação consigo mesmo era a de um “*speculator*” (FOUCAULT, 1984a, p. 86; 2010b, p. 72). Nessa condição, ele assumia a figura de um especulador, um inquisidor, estabelecendo uma relação judicial com seus próprios pensamentos e suas lembranças.

Dois turnos eram majoritariamente destinados ao exame de consciência pelos pitagóricos: 1) pela manhã, antes dos afazeres diários; e 2) ao final da tarde depois de cumpridos os compromissos do dia. O exame de consciência feito pela manhã objetivava a preparação da pessoa para enfrentar bem seus desafios diários. Já a mesma prática exercida ao final da tarde buscava a memorização da jornada vivida durante aquele dia e averiguar quais os modos, os pensamentos, as lembranças que deveriam ser modificadas, transformadas e/ou reprovadas (FOUCAULT, 1984a; 2010b). Tratava-se, antes de tudo, de um controle administrativo exercido sobre os próprios pensamentos mediante uma prática bem definida, delimitada e extensamente meticulosa.

A ascese praticada pelos antigos

No segundo volume da *História da sexualidade*, Foucault trabalha extensamente as técnicas de si fazendo referência ao termo ascese (*askêsis*). Aquilo que no primeiro volume da trilogia não havia recebido nenhuma atenção, passa a ser um conceito central nas reflexões de Foucault em seus últimos anos. O estudo da ascese é importante para compreender como o sujeito foi o ponto de encontro entre o poder e os discursos de verdade (FOUCAULT, 1984b; 2008a).

No curso *Hermenêutica do sujeito*, Foucault (2001b, p. 17; 2009, p. 34) considera que “*eros* e *askesis* são [...] na espiritualidade ocidental” as duas grandes formas pelas quais os indivíduos poderiam empreender um processo de autotransformação. Mais adiante, no mesmo curso, Foucault (2001b, p. 312; 2009, p. 313) define a ascese como “o conjunto, a sucessão regulada e calculada dos procedimentos que, em um indivíduo, são susceptíveis de formar, de reativar periodicamente” a palavra proferida em um *ethos*. Com essa definição, é possível ver que a ascese foi trabalhada pelo filósofo de maneira muito similar às técnicas de si.

A ascese era um tipo de treinamento, de exercício constante que visava o domínio de si por parte de seus praticantes contra a ofensiva dos prazeres e dos desejos que afetavam suas almas. A sedução, a revolta, a cobiça e tantas outras paixões da alma não poderiam ser menosprezadas em sua capacidade de desvirtuar/desalinhar o bom caminhar da pessoa que buscava

sua boa edificação moral e política. Como dito antes, a ascese tratava de certo tipo de treinamento, um exercício que visava aumentar e sedimentar a resistência do sujeito à incidência dessas diversas paixões.

O princípio socrático da ascese aparecerá fortemente em diversos diálogos platônicos. Sócrates afirmava que aqueles que aspiravam a governar não poderiam ocupar-se dos assuntos da cidade se não fossem capazes de lidar positivamente com seus assuntos pessoais. Deveriam treinar o domínio das paixões e alcançar um bom desempenho nesta área antes de pretenderem governar a cidade. Este domínio, por sua vez, somente pode ser alcançado mediante a prática constante de um exercício (*askêsantes*).

Assim se expressa Foucault (1984b, p. 98-99; 2008a, p. 81, grifo nosso) no segundo volume da *História da sexualidade* a respeito da mensagem do diálogo platônico:

a *epimeleia heautou*, o cuidado de si, que é uma condição prévia para poder ocupar-se dos demais e dirigir-lhes, não só implica a necessidade de conhecer (de conhecer o que se ignora, de conhecer se é ignorante, de conhecer o que se é), mas de se aplicar efetivamente a si mesmo e de *exercitar-se* a si mesmo e transformar-se.

Em *A República*, Foucault ressalta que Sócrates evocava o perigo dos desejos que sempre estavam ao redor e poderiam invadir a alma daquele que não estivesse devidamente treinado e preparado para resistir.³ De acordo com Foucault, Platão, nas *Leis*, incentivava que o jovem passasse por várias provas no campo gastronômico, provando de bebidas fortes e resistindo diante de mesas fartas, para fortalecer sua alma e não sucumbir aos desejos mais comuns (FOUCAULT, 1984b; 2008a).

O ocupar-se de si mesmo como forma de cuidado de si era o tom preponderante das técnicas de si durante o período clássico grego. Desse modo, a ascese moral significava parte importante da *paideia* grega, entendida como formação integral do indivíduo.

A *askêsis* moral formava parte da *paideia* do homem livre, que tem um papel a desempenhar na cidade e em relação com os demais; não necessita utilizar procedimentos distintos; a ginástica e as provas de resistência, a música e aprendizagem dos ritmos viris e vigorosos, a prática da caça e das armas, o cuidado de conduzir-se bem em público, a aquisição do *aidós* que faz com que se respeite a si mesmo através do respeito que se tem aos demais – tudo isso é, simultaneamente, formação do homem que há de ser útil a sua cidade e exercício moral daquele que quer

3 Cf. *A República*, 413e.

adquirir um domínio sobre si mesmo (FOUCAULT, 1984b, p. 103; 2008a, p. 85).

A ascese, na sua forma proveniente do período grego clássico, deve ser entendida como prática indispensável ao indivíduo que buscava constituir-se como sujeito moral. A formação do sujeito ético e a formação do cidadão eram uma só, dado que o indivíduo era sempre tomado em relação à sua posição e seu papel na *polis*. De acordo com Wilhelm Schmid, em sua obra *Em busca de uma nova arte de viver*, o indivíduo praticante do cuidado de si buscava a “possibilidade de transformação” de si mesmo, com o intento de ser livre a ponto de poder modificar seu modo de ser. Em consequência, essa transformação poderia abrir a possibilidade de “transformação do sistema” (SCHMID, 2002, p. 83).

Passando para o período helenístico, Foucault recorre muito aos textos das escolas socráticas menores no intuito de evidenciar como seus princípios e práticas foram fundamentais para a constituição da subjetividade ocidental. A forma como a subjetividade foi formada, delineada, padronizada e exercida no Ocidente teve, segundo Foucault, a marca indelével do período helenístico.

No texto *Técnicas de si*, a ascese recebe uma definição muito similar à encontrada em *Hermenêutica do sujeito*, provavelmente por terem uma datação muito aproximada. Em *Técnicas de si* são encontradas as seguintes palavras com respeito à prática dos estoicos:

A *askêsis* é um conjunto de práticas pelas quais o indivíduo pode adquirir e assimilar a verdade, transformando-a em um princípio de ação permanente. A *aletheia* se torna um *ethos*. É um processo de intensificação da subjetividade (FOUCAULT, 2001a, p. 1.619; 2008b, p. 74).

Para que uma pessoa se preparasse efetivamente para suportar os desafios das sucessivas mudanças, a técnica da meditação era uma das mais utilizadas. Sobre isso, cabe destacar um tipo que era o mais difundido entre os estoicos: a “*praemeditatio malorum*” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.619; 2008b, p. 74). Esse tipo de meditação consistia em que a pessoa mentalizasse a experiência ética mais desafiadora possível. Aquela experiência que pusesse à prova de modo mais duro suas convicções éticas sobre si e sobre os outros. Ela consistia em fazer uma visão totalmente obscura do futuro a fim de esperar o mais temível dos horizontes.

O objetivo central dessa técnica era que a pessoa fosse capaz de convencer-se a si mesma que o pior dos quadros, na realidade, não seria tão ruim assim. Desse modo, o sujeito adquiriria uma capacidade maior de resistência frente aos desafios, distanciando-se da tendência costumeira de que cer-

tos fatos significam o fim de tudo e a perda do significado da própria existência. A *praemeditatio malorum* tinha como função permitir que o indivíduo adquirisse a capacidade de “dispor de uma série de discursos verdadeiros” (CIPAGAUTA, 2006, p. 36) dos quais poderia valer-se em caso de necessidades futuras.

O que deve ser ressaltado com respeito às técnicas de si e à ascese nos textos de Foucault é que esta passou a ter um caráter mais espiritual do que as técnicas de si. O que antes constituía práticas filosófico-sociais passou a ser tratado como exercícios espirituais. Com tais práticas, os indivíduos buscariam uma transformação de seus corpos e suas almas no intuito de alcançarem certo estado de “felicidade”, “pureza”, “sabedoria” ou “imortalidade” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.605; 2010a, p. 1.071).

Essa espiritualização das técnicas de si permite que seja aventada certa transição nos textos de Foucault. Uma sorte de transição conceitual em direção à *epimeleia ton allon* cristã.

A ascese no cristianismo

Pesquisar sobre as técnicas de si nos textos de Foucault é importante para poder encontrar a gênese daquilo que ele denomina de poder pastoral (FOUCAULT, 2004; 2007). Mais do que investigações sobre ética, as técnicas de si estão envolvidas por um caráter político na obra de Foucault. Essa compreensão pode ser bem fundamentada na medida em que é percebida a importância das técnicas de si para a caracterização do poder pastoral, considerado uma das matrizes da governamentalidade (FOUCAULT, 2004; 2007).

Ao final de um texto intitulado *O combate da castidade*, Foucault afirma que há dois momentos importantes a considerar quando se discute as técnicas de si no âmbito maior dos processos de subjetivação e da ética sexual: “a direção de consciência estoico-cínica e a organização do monacato” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.127; 2010a, p. 924). Esse texto é particularmente importante para esta reflexão, porque foi retirado de um volume ainda não publicado da *História da sexualidade*, quer dizer, do escrito *As confissões da carne*. Nele Foucault discorre sobre alguns escritos de Cassiano (360-433 d.C.), um dos Padres da Igreja e difusor do monacato.

De acordo com Foucault, as instituições monásticas tiveram um papel preponderante no “desenvolvimento de técnicas de si muito complexas” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.125; 2010a, p. 923). Também neste período, as técnicas de si foram direcionadas ao combate aos vícios que afetavam o corpo e alma do indivíduo. Contudo, houve uma mudança quanto aos vícios a serem combatidos. A luxúria, a gula, a avareza, a cólera, a preguiça, a ira, o orgulho e a soberba passaram a constituir os fronts de batalha. Um complicador no uso das técnicas de si

no monacato é que esses vícios eram considerados em uma “cadeia causal” que os vinculava entre si. Isso implicava que não seria possível vencer um vício sem triunfar sobre aquele no qual se apoia (FOUCAULT, 2001a; 2010a). Por essa participação direta do corpo, o trabalho ascético foi considerado um aliado indispensável para alcançar a erradicação dos vícios e a santidade. A “ascese”, por incidir diretamente sobre o corpo do indivíduo, atacava o “começo dessa cadeia causal” de males (FOUCAULT, 2001a, p. 1.115; 2010a, p. 914).

O foco neste período esteve especialmente posto sobre os vícios considerados naturais, aqueles que tinham participação direta do corpo. Dentre eles, o “espírito de fornicação” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.115; 2010a, p. 914) foi o inimigo mais perigoso a ser combatido. Com isso a fornicação recebeu um “privilégio ontológico” por parte de Cassiano, justamente por considerar que ela tinha suas raízes diretamente no corpo da pessoa (FOUCAULT, 2001a; 2010a). Com essa capacidade de penetração, a fornicação era considerada especialmente perigosa por incidir sobre a debilidade da carne que ameaçava a boa conduta. Não por outra razão, Foucault cita que Cassiano recomendava a mortificação radical a fim de poder viver no corpo sem relacionar-se com a carne.⁴

O trabalho ascético tinha como principal objetivo interromper os movimentos da alma e do corpo. De ambos os lados, havia uma comunicação constante. Por esse motivo “o essencial da castidade” não era “da ordem do ato ou da relação” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.117; 2010a, p. 918). Mais precisamente, tratava-se de interromper e erradicar os movimentos concernentes aos *aphrodisia*⁵ Segundo Foucault, o cristianismo provoca uma ruptura com a tradição antiga ao considerar os *aphrodisia* como um mal em si. Eles eram movimentos da alma que “arastavam a vontade do indivíduo” quando este era alvo de “um ataque da carne” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.117; 2010a, p. 918).

Devido a esses ataques da carne, considerava-se que o combate da castidade fruto dos exercícios ascéticos deveria ser dado no interior do sujeito. Para tanto, era necessário manter a “relação consigo mesmo em um estado de perpétua vigilância” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.124; 2010a, p. 922). Essa vigilância resultaria na capacidade de discernir os movimentos perniciosos da carne. Sendo justamente nessa capacidade que Foucault identifica o “centro das técnicas de si” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.124; 2010a, p. 922). Com o emprego das técnicas de si, o

4 Remetemos a um estudo muito elucidativo no qual são abordadas as diferentes concepções do termo “carne” no cristianismo primitivo: STROUMSA, Gedaliahu G. *Caro salutis cardo: Shaping the Person in Early Christian Thought. History of religions*, Chicago, v. 30, n. 1, p. 25-50, 1990.

5 Para um estudo sobre os *aphrodisia*, remetemos a FOUCAULT, 1984b, p. 53-71; 2008a, p. 41-57.

discernimento resultante dessa vigilância seria fruto também de uma atitude de suspeita permanente frente a si mesmo.

Diante do exposto até então, é possível perceber que as técnicas de si caracterizavam a vida monástica e o combate espiritual em torno do *aphrodisia*. Contudo, é importante ressaltar que não se tratava de uma interiorização mecânica de um código moral. Foucault considerava o combate da castidade com o uso das técnicas de si como um trabalho de subjetivação que se dava na “abertura de um novo domínio” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.124; 2010a, p. 923).

Quando trabalhada a ascese cristã, uma das mais importantes técnicas de si encontradas nos textos de Foucault é a confissão. O ato de confissão consistia na verbalização da verdade sobre si mesmo. Segundo Foucault, a essa verbalização, além da enunciação das faltas cometidas e da exposição total da alma ao confessor, acrescentava-se a verbalização permanente de todos os movimentos do espírito (FOUCAULT, 1976; 2010c). No ato de confissão, o confessor funcionava como um condutor de enunciados, buscando extrair do confessante suas emoções e confrontando-as com uma lei moral estabelecida. Com esse ato, o confessor exercia um poder sobre ele, induzindo-o a criar uma verdade sobre si mesmo.

Essa construção da verdade sobre o confessante é o que, segundo Foucault, marcou a diferença fundamental entre o exame de consciência e a confissão. No primeiro, o indivíduo empregava uma técnica buscando purificar sua alma e constituir uma conduta autônoma. Na segunda, o indivíduo era levado a forjar uma verdade sobre si mesmo, revelar seu eu de maneira explícita ao ponto de ser totalmente sujeitado pela direção de seu confessor.

Nesse ponto consiste a diferença fundamental que deve ser assinalada entre o que poderia ser considerado uma técnica de si e uma tecnologia do eu. Por um lado, enquanto o exame de consciência visava à constituição de uma conduta livre e autônoma, por outro lado, a confissão marca a constituição de uma subjetividade totalmente sujeitada. Percebe-se que ambos os modos de subjetivação têm na exposição verbal sua característica marcante. Não obstante, o exame de consciência proporcionava a constituição de uma subjetividade que dava suporte a uma conduta ética consistente. Já no caso da confissão, a exposição constante do eu por parte do confessante era sucedida pela constituição de uma subjetividade totalmente sujeitada.

Reforçando que o foco nesse texto é o deslocamento sofrido pelas técnicas de si por parte do cristianismo, esse deslocamento contribuiu em muito para a formação da subjetividade ocidental, segundo Foucault. Tendo em vista esse objetivo, é proveitoso reiterar que, quando se faz menção às técnicas de si, faz-se referência a procedimentos, práticas e técnicas capazes

de constituir, modificar, transmutar, alterar ou agregar hábitos de comportamento. Em consonância com essas palavras, assim se expressou Foucault (2001a, p. 1.604; 2008b, p. 48) em um curso proferido na Universidade de Vermont, EUA, intitulado “Técnicas de si”:

as técnicas de si [...] permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser. Obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.

O exercício (*askêsis*) constante de si mesmo continua a vigiar no cristianismo primitivo. A busca pela verdade atrelada à busca pela própria salvação ainda é marcante neste novo período estudado por Foucault, não obstante com uma diferença fundamental. Foucault (2001a, p. 1.623; 2008b, p. 80) chama nossa atenção para o que ele denomina de “jogo da verdade”.

O jogo da verdade é uma das principais técnicas de si empregadas pelo cristianismo primitivo. Essa técnica consistia em buscar a pureza da alma e o acesso à verdade através da prática da confissão. Nesse período, o longo caminho que leva à verdade somente poderia ser percorrido mediante uma contínua purificação da alma do peregrino. Baseado na prática da confissão, essa técnica faz com que o indivíduo externar seus pensamentos e emoções e os compare com um conjunto de regras previamente estabelecidas. Desse modo, pureza de alma e acesso à verdade fazem parte de um círculo que busca o “descobrimiento do eu” (FOUCAULT, 2001a, p. 1.624; 2008b, p. 81) por parte do indivíduo.

O dito descobrimiento do eu passava pela prática da *exomologêsis* (reconhecimento do fato), na medida em que o indivíduo reconhecesse a si mesmo como pecador e digno de receber uma penitência. A *exomologêsis* não era apenas a exteriorização de seus pensamentos e emoções frente a um sacerdote que materializa, diante do confidente, o conjunto de regras e condutas estabelecidas pela Igreja-instituição. Há outra parte dessa prática que é inovadora e diferencia a prática cristã das práticas presentes na Grécia clássica e no período helenístico marcado pelas escolas socráticas menores: a dramatização da penitência.

O descobrimiento de si, o autocastigo e a expressão voluntários de próprio pecado estão presentes na prática da *exomologêsis* cristã. A verbalização das faltas para um diretor de consciência que antes era restrito ao âmbito privado, com o cristianismo passou a ser tida como algo público. O arrependimento dependia de uma expressão pública e dramática do próprio sofrimento, tal como o castigo inevitavelmente subsequen-

te e indispensável para o desfecho do ciclo pecado-absolvição (FOUCAULT, 2008b).

O que era privado para os Estoicos, era público para os cristãos. [...] Esse é o paradoxo no núcleo da *exomologêsis*, apaga o pecado e revela o pecador de modo simultâneo. A maior parte do ato de penitência não consistia em dizer a verdade, mas em mostrar o ser verdadeiro cheio de pecados do pecador. Não era uma forma, para o pecador, de explicar seus pecados, mas uma maneira de apresentar-se [publicamente] a si mesmo como pecador (FOUCAULT, 2008b, p. 84).

O triplo modelo da *exomologêsis* foi concebido a partir do paradigma médico, ajuizador e martirizante. Esse modelo levava o pecador a mostrar as próprias feridas, confessando suas faltas ao ponto de se expor e mortificar sua própria vontade. Essa rejeição do eu (*ego non sum ego*) é o centro desse ato de confissão e dramatização do pecado e da posterior absolvição.

Para Foucault, o cristianismo passou a exigir outra obrigação com a verdade: a prioridade passou a ser que cada fiel fosse capaz de descobrir o que passava em si mesmo, reconhecendo seus desejos, suas falhas e tentações, revelando o mais profundo de sua alma (CIPAGAUTA, 2006). Tratava-se de fazer irromper os mais reveladores dados que compõem o próprio eu, provocando uma ruptura e uma dissociação violentas do sujeito consigo mesmo, como se uma lâmina extremamente afiada provocasse um rasgo irreparável naquele espaço traspassado.⁶

No exame de si com uso das técnicas de si pelo cristianismo, o que estava em foco era uma relação entre o mais oculto dos pensamentos e a suposta impureza da alma pecadora, inerente ao sujeito. A hermenêutica cristã da carne inovava com a proposta de decifrar os pensamentos mais inacessíveis para os dois períodos anteriores. A autorrevelação verbal materializada pelo ato da confissão sempre contava com um ouvinte. A ele correspondia classificar as revelações e outorgar penas correspondentes para cada pecado. Isso reforçava o objetivo de purificar a alma do confidente e permitir-lhe que continuasse no seu caminho de acesso à verdade. No caso de ser realizada diante de um sacerdote, este controlava tudo o que o fiel dizia, incitando-o e interrogando-o mediante o uso da “técnica de exame de consciência” (FOUCAULT, 2008c, p. 166).

Diferentemente do que acontecia no período grego clássico e no período helenístico, as técnicas de si utilizadas pelo cristianismo não visavam à emancipação da pessoa no decorrer do seu amadurecimento. A prática cristã foi muito distinta das duas anteriores e para demonstrá-lo Foucault assinala três pon-

6 Interessante é notar a passagem bíblica do Evangelho de Lucas, cap. 2.35, onde o apóstolo declara que uma espada traspassará a própria alma do cristão para que sejam manifestados seus pensamentos.

tos: 1) o exame de consciência não era totalmente voluntário no cristianismo; 2) a direção de consciência era permanente, e não apenas para circunstâncias ocasionais; e 3) o exame de consciência não tinha como fim o domínio de si, mas apenas uma relação de obediência completa.

Esse é o principal diagnóstico de Foucault: o cristianismo visava uma relação de dependência como fim em si mesmo. Essa relação de dependência estava inscrita em um contexto muito maior no qual é possível constatar, junto de Foucault, que o cristianismo não era uma religião da lei, mas da renúncia da vontade. “O exame de consciência é feito, então, para marcar, ancorar ainda mais a relação de dependência com o outro” (FOUCAULT, 2004, p. 187; 2007, p. 217).

Desde o curso *Os anormais*, Foucault alertava para essa transformação das técnicas de si. Nesse ano, ele afirma que a Reforma, a Contrarreforma e o nascimento dos Estados nacionais são momentos especiais para compreender dito processo. É nesse contexto histórico que tais técnicas são abarcadas no “desenvolvimento de um imenso dispositivo de discurso e exame, análise e controle” (FOUCAULT, 2008c, p. 167).

Assim, a religião aparece nos textos de Foucault quase sempre como um “constante princípio de opressão [e] um opressivo mecanismo de poder” (CARRETTE, 2000, p. 36).⁷ O monacato poderia ser considerado o primeiro exemplo histórico claro de que técnicas, antes restritas ao âmbito individual ou social, passaram a conformar um corpo sistemático de controle sobre os indivíduos. O monacato teria sido o primeiro a organizar um conjunto de técnicas para sujeitar os indivíduos por meio da produção de subjetividades sujeitadas. Jeremy Carrette também é esclarecedor ao considerar que há dois focos específicos que dominam o trabalho de Foucault sobre a confissão: 1) confissão no “contexto da sexualidade e do discurso (1976-1977)” e 2) no âmbito da “tecnologia e governo do *self*” (1980-1982) (CARRETTE, 2000, p. 38).

Não obstante, pode-se considerar, e esse é nosso ponto de vista, que os dois focos de discussão sobre a confissão estão amplamente relacionados. Porque considerando a convergência entre ambos os polos faz-se possível compreender a passagem da discussão da temática do poder para a temática do governo na obra de Foucault. Ambos os polos tratam da produção de uma subjetividade sujeitada, seja na conformação de corpos, seja na expressão exaustiva dos pensamentos.

Seguindo as reflexões de Carrette (2000, p. 115), podemos concluir que o estudo das técnicas de si está embasado em

7 Importante ressaltar que Carrete faz várias críticas à “questão religiosa” em Foucault. A mais abrangente delas, a nosso entender, é que Foucault analisa algumas práticas religiosas dissociadas das crenças que as embasam. Cf. CARRETTE, 2000, em particular as páginas 111, 113 e 119.

uma compreensão não declarada de que existem “afinidades entre o corpo e o espiritual”. Amplificando as palavras de Foucault (2001b, p. 16-17; 2009, p. 33):

Será denominada espiritualidade, então, o conjunto dessas buscas, práticas e experiências que podem ser purificações, ascese, renúncias [...] modificações da existência [...] que constituem [...] para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade.

A partir desse entendimento, é possível compreender como certa “corporalidade espiritual” foi tratada em termos de uma “espiritualidade política” (CARRETTE, 2000, p. 112). Ou seja, a forma como Foucault passou a dedicar suas pesquisas às técnicas de si possibilita entrever nelas um foco importante para discernir a relação entre a submissão do corpo, por um lado, e a produção de subjetividades sujeitadas, por outro. Ambos os momentos compõe a problemática do aumento e manutenção da potência do Estado sobre os indivíduos, como também possíveis formas de resistência.

Considerações finais

De acordo com Foucault, as técnicas de si presentes desde os tempos de Sócrates, Platão e Aristóteles foram práticas cruciais para compreender o processo de subjetivação na história do Ocidente.

A categoria mais geral da *epimeleia heautou* abarcava um conjunto de práticas direcionadas à mudança de hábitos, pensamentos e regras de vida na cotidianidade das pessoas. As técnicas de si não estavam limitadas ao campo filosófico ou acadêmico, mas estavam dispersas e difundidas nos mais diversos estratos da sociedade antiga. Elas serviam também para que o indivíduo buscasse sempre sua autoconstituição, autoformação, autossubjetivação.

Tendo como fio condutor a *askêsis*, o hábito do exercício constante de si logrou alcançar uma marca indelével na constituição da subjetividade ocidental ao longo da história. Começando pelo período grego clássico, passando pelo período helenístico das escolas socráticas menores e finalizando com o cristianismo primitivo dos primeiros séculos de nossa era cristã, Foucault nos brinda uma análise minuciosa e muito rica sobre os processos de subjetivação eminentemente ocidentais.

Nos textos de Foucault, como foi possível ver, as técnicas de si, tal como exercidas dentro do espectro da *askêsis* do cristianismo, se diferenciam claramente das práticas ascéticas dos períodos anteriores. Essa nova modalidade de exercícios de si esteve marcada por um trabalho que visa decifrar a alma, produzindo uma hermenêutica purificadora dos desejos. A dita

mudança de objetivo no emprego das técnicas de si resultou em uma mutação. De técnicas de si, características de uma *epimeleia heautou*, elas foram transformadas em tecnologias do eu, próprias de uma *epimeleia ton allon*.

Com as referências textuais concernentes às tecnologias do eu próprias do cristianismo, percebe-se que as práticas cristãs herdaram, se apropriaram, transformaram e desenvolveram agudamente práticas de subjetivação que vinham desde o mundo grego clássico. Essa análise permite acompanhar a metamorfose à qual foram submetidas as técnicas de si na obra de Foucault. Com o advento do cristianismo, elas passaram a ser usadas visando à negação do próprio *eu* e não a formação de uma subjetividade autônoma. Nesse quadro, as técnicas de si foram transformadas em tecnologias do *eu*, servindo a uma maior dependência do indivíduo quando este exteriorizava seus sentimentos e pensamentos. Assim era formada uma das matrizes da governamentalidade.

Referências

CARRETTE, Jeremy R. *Foucault and religion*. Spiritual corporality and political spirituality. London: Routledge, 2000.

CIPAGAUTA, Humberto Cubides. *Foucault y el sujeto político*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores/Universidad Central-IESCO, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II (1976-1984)*. Paris: Gallimard, 2001a.

_____. *Histoire de la sexualité I*. La volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.

_____. *Histoire de la sexualité II*. L'usage des plaisirs. Paris: Gallimard, 1984b.

_____. *Histoire de la sexualité III*. Le souci de soi. Paris: Gallimard, 1984a.

_____. *Historia de la sexualidad 1: la voluntad del saber*. Tradução de Ulises Guiñazú. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010c.

_____. *Historia de la sexualidad 2: el uso de los placeres*. Tradução de Soler Martí. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008a.

_____. *Historia de la sexualidad 3: la inquietud de sí*. Tradução de Tomás Segovia. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010b.

_____. *La hermenéutica del sujeto*. Curso en el Collège de France (1981-1982). Tradução de Horacio Pons – 1a. ed. 3a. reimpressão. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

_____. *L'herméneutique du sujet*. Cours au Collège de France (1981-1982). Paris: Gallimard, 2001b.

_____. *Los anormales*. Curso en el Collège de France (1974-1975). Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008c.

_____. *Obras esenciales*. Tradução de Ángel Galibondo *et ali*. Buenos Aires: Paidós, 2010a.

_____. *Securité, terriore, population*. Cours au Collège de France (1977-1978). Paris: Gallimard, 2004.

_____. *Seguridad, territorio, población*. Curso en el Collège de France (1977-1978). Tradução de Horacio Pons – 1ª. ed. 2ª. reimpressão. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

_____. *Tecnologías del yo*. Tradução de Mercedes Allendesalazar. Buenos Aires: Paidós, 2008b.

JACARANDÁ, Rodolfo de Freitas. Michel Foucault e o espaço do mundo – a ética do cuidado de si como prática da liberdade. *Phrónesis*, v. 6, n. 1, p. 223-241, jan-jul 2004.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian, 1996.

SCHMID, Wilhelm. *En busca de un nuevo arte de vivir*. Tradução de Germán Cano. Barcelona: Pré-textos, 2002.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaró
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krishcke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Muszkopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais – Prof. Dr. Thomas Kesselring* *Juizados ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decréscimo como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes

- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montaña
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge & Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois”* – Claudia Wasserman

- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga-SP* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religião dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci



João Roberto Barros II é doutor em Filosofia pela Unisinos em 2012, com a tese “O Cuidado de si e a Filosofia crítica. A constituição da subjetividade autônoma em Michel Foucault”, tendo feito também dois estágios doutorais: 1) Universidade de Tübingen-Alemanha (período de setembro/2008 a Fevereiro/2009) e 2) Universidade de Buenos Aires-Argentina (período de agosto/2009 a dezembro/2009). Atualmente é doutorando em Ciências Sociais pela UBA-AR (Conicet/2010-2013), com o

projeto “Conducción y actitud crítica. Un análisis de la influencia de la religión en la política moderna y contemporánea a partir de la obra de Michel Foucault”. Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos (Capes/2006) e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (CNPq/2004).

Principais publicações do autor

BARROS II, João Roberto. Epimeleia heautou helenística em Foucault: universalização e espiritualidade. *Prometeus* (São Cristóvão), v. 5, p. 9-25, 2012.

BARROS II, João Roberto. Direção de consciência em Foucault: conexão entre ética e filosofia política. *Numen*, v. 14, p. 215-236, 2011.

BARROS II, João Roberto; ROMANDINI, Fabián Javier Ludueña. Paroikias cristãs e a negação da polis: biopolítica e pastorado cristão. *INTERthesis* (Florianópolis), v. 8, p.16-33, 2011.

BARROS II, João Roberto. Poder pastoral e população em Foucault: a importância da sexualidade no governo das condutas In: **Actas de las 6ª Jornadas de Jóvenes Investigadores**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani, p. 1-17, 2011.